



**ANAIS DA XVII SEMANA DO
CURSO DE GEOGRAFIA (UEG) –
CAMPUS ITAPURANGA**

ITAPURANGA 2016

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

COMISSÃO ORGANIZADORA

**COORDENADOR DO CURSO DE
GEOGRAFIA**

Prof. Me. Danilo Cardoso Ferreira

ORGANIZAÇÃO GERAL

Prof^a Dra. Lorena Francisco de Souza

Prof^a Me. Luana Nunes Martins de
Lima

Prof^o Me. Silvio Brás de Souza

Prof^o Me. Marco Túlio Martins

Prof^a Esp. Daniela Almeida Rosa

**ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS DO
EVENTO – COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Prof^o Me. Marco Túlio Martins

Prof^a Me. Luana Nunes Martins de
Lima

COMISSÃO CIENTÍFICA GERAL

Me. Antônio Ferreira Leite

Me. Danilo Cardoso Ferreira

Esp. Daniela Almeida Rosa

Esp. Gilcileide Conceição de Faria

Esp. Hélia Ferreira Simões

Dr^a. Lorena Francisco de Souza

Me. Luana Nunes Martins de Lima

Esp. Luciene Alves Pinho Medeiros

Esp. Marlene Alves Pinho Moreira

Esp. Marcelo Cardoso Monteiro

Esp. Maria Antonieta Duarte

Me. Silvio Brás de Souza

Esp. Vanderlei Ferreira da Silva

**COMISSÃO DE
INFRAESTRUTURA
(FUNCIONÁRIOS TÉCNICOS
ADMINISTRATIVOS)**

Alessandro Vasconcelos Santos

João Batista de Souza

Swelington de Lima Fonseca

Virgílio Astrogildo de Barros Neto

REITOR

Prof^o Dr. Haroldo Reimer

DIRETOR EDUCACIONAL

Prof^o Dr. Valtuir Moreira da Silva

COORDENADOR PEDAGÓGICO

Prof^o Dr. Hέλvio Frank de Oliveira

Informações

www.itapuranga.ueg.br

geografia.itapuranga@ueg.br

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

SUMÁRIO

EIXO TEMÁTICO 1:	5
GEOGRAFIA FÍSICA E ANÁLISE AMBIENTAL	5
CERRADO E AGROPECUÁRIA: AS TRANSFORMAÇÕES DE UM ESPAÇO NATURAL A PARTIR DA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA	6
IMPACTOS AMBIENTAIS E USO E COBERTURA DA TERRA NO MUNICÍPIO DE ITAPURANGA-GO (2015)	7
IMPACTOS AMBIENTAIS E USO E COBERTURA DA TERRA NO MUNICÍPIO DE ITABERAÍ-GO (2015)	9
IMPACTOS AMBIENTAIS E USO E COBERTURA DA TERRA NO MUNICÍPIO DE MORRO AGUDO-GO (2015)	10
DESMATAMENTO DAS MATAS CILIARES DO RIO CANASTRA EM ITAPURANGA- GO: DIMENSÃO E CONSEQUÊNCIAS	11
DESTINAÇÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DOS CENTROS URBANOS	12
OS IMPACTOS AMBIENTAIS NO CORRÉGO GOIABA - MORRO AGUDO GOIÁS: O CASO DA INDÚSTRIA DE LATICÍNIO	14
APLICAÇÃO DE ESTATÍSTICA ESPACIAL PARA MODELAGEM DOS PADRÕES ESPACIAIS DA PECUÁRIA NO ESTADO DE GOIÁS	15
A CONTRIBUIÇÃO DE AZIZ AB’SABER NA GEOMORFOLOGIA DO BRASIL	17
CONTRIBUIÇÕES DE HUMBOLDT E GOETHE NA PAISAGEM EM GEOGRAFIA	18
EIXO TEMÁTICO 2:	19
GEOGRAFIA E ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO E RURAL	19
A INTERAÇÃO ENTRE O URBANO E O RURAL: O PAPEL DA AGRICULTURA EM ITAPURANGA	20
A CIDADE DE ITAPURANGA-GO: O RECORTE ESPACIAL DA ESTRUTURA URBANA E SUAS FUNÇÕES NA DINÂMICA TERRITORIAL	21
A DIFICULDADE DA ACESSIBILIDADE URBANA NA CIDADE DE GUARAÍTA-GO ..	22

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

O PROJETO “DESCIDA ECOLÓGICA” DO RIO URÚ: AS INTENÇÕES POLÍTICAS DE UM PROJETO DE SUSTENTABILIDADE.....	23
A HISTÓRIA DO “LUGAR DE PEDRAS BONITAS” NA ORALIDADE DE SUAS ARTESAS.....	24
A FOLIA DE REIS DE LAGES-GO E OS REFLEXOS DA CONTEMPORANEIDADE	26
FOLIA DE REIS NO DISTRITO DE LAGES - ITAPURANGA-GO: UMA MANIFESTAÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR	27
EIXO TEMÁTICO 3:	28
GEOGRAFIA E ENSINO / GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA.....	28
ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA: UMA REFLEXÃO SOBRE NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO.....	29
O TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA URBANA: EXPERIÊNCIA PRÁTICA COM OS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL DE ITAPURANGA - GO.....	30
LEI 10.639/03 E SUA CONTRIBUIÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM SOBRE A ÁFRICA	31
CAMINHOS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DOS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA FÍSICA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	32
A CARTOGRAFIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: O PRELÚDIO DE UMA REFLEXÃO.....	33
A GEOGRAFIA EM DESTAQUE: A IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA PARA (RE)AFIRMAÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA	34
A CARTOGRAFIA MILITAR NO PERÍODO IMPERIAL: OS PRIMÓDIOS DO PROJETO TERRITORIAL BRASILEIRO	35
O DESENVOLVIMENTO CARTOGRÁFICO NO PERÍODO VARGAS (1930-1945): O PAPEL DA ESCOLA DE ENGENHEIROS GEÓGRAFOS MILITARES	36

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

EIXO TEMÁTICO 1:
GEOGRAFIA FÍSICA E ANÁLISE
AMBIENTAL

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

CERRADO E AGROPECUÁRIA: AS TRANSFORMAÇÕES DE UM ESPAÇO NATURAL A PARTIR DA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA

Jefferson Gonçalves Bastos dos Santos
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
jefferson.bastos_201505@hotmail.com

Taís de Souza Silva Bastos
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
taizinhasilvasouza@hotmail.com

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo sobre as transformações que ocorreram e ainda ocorrem no Cerrado, um dos biomas mais ameaçados do Brasil. Desde a ocupação de Goiás e demais regiões que compõem a região Centro-Oeste, a modernização agrícola vem causando diversos problemas no Cerrado, tanto pela retirada de vegetação nativa e o destino das espécies que habitam nessas áreas, quanto para as populações locais, pois provoca a poluição do ar, da água, a erosão dos solos, a extinção de certas espécies de plantas e animais, prejudicando de forma direta e indireta a vida das pessoas. É preciso, portanto, refletir sobre a preservação desse espaço natural, afim de promover uma harmoniosa convivência entre homem e meio. Algumas das principais ameaças à vida do Cerrado estão diretamente vinculadas à expansão da agricultura e da pecuária, que aumenta gradativamente a perda da vegetação nativa. A agropecuária tem se expandido com a utilização intensa de agrotóxicos, fertilizantes e corretivos usados para corrigir solos que aparentam um nível baixo de produtividade; extensas áreas de monoculturas; pesada mecanização entre outros, que geram diversos problemas para a vida em geral. O uso sustentável dos recursos naturais no Cerrado necessita, primeiramente, da conscientização do homem em relação ao meio, visto que isso não depende somente da vontade de uma parte da sociedade ou do governo, mas de todos em geral, incluindo as empresas públicas e privadas, assim como na produção de produtos agropecuários, uma vez que estes produtos poderiam ser utilizados com menor frequência para que não prejudicassem a vida em todos os seus aspectos. Esperamos que esta pesquisa possa trazer uma reflexão constante na tentativa de preservar aquilo que ainda nos resta, e na perspectiva de conscientizar a população de que é possível extrair da natureza o suficiente para manter o equilíbrio da vida sem prejudicar os nossos espaços naturais. É preciso que os detentores do poder (latifundiários e o Governo, principalmente) busquem alternativas para amenizar a devastação do nosso bioma, dando maior ênfase ao desenvolvimento de técnicas mais sustentáveis para fazer dos problemas um salto para as transformações positivas, conciliando a produção agropecuária e o manejo adequado das áreas de Cerrado. A pesquisa, portanto, é uma ferramenta para isso.

Palavras Chaves: Cerrado; Agropecuária; Sociedade; Sustentabilidade.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**IMPACTOS AMBIENTAIS E USO E COBERTURA DA TERRA NO
MUNICÍPIO DE ITAPURANGA-GO (2015)**

Eslaine Florambel Siqueira
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
eslaine florambel95@gmail.com

Quelma Aparecida Braga
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
quelma_apbraga@hotmail.com

Cobertura e uso da terra constitui-se um tema recorrente na análise territorial, principalmente porque reflete a materialização das relações sociais, a partir do momento em que a sociedade se apropria do espaço para satisfazer suas necessidades. Sabe-se que o Estado de Goiás perdeu grande parte de sua cobertura vegetal de Cerrado, e atualmente possui apenas 20% de remanescentes, fato que certamente promove risco a biodiversidade e influencia na ocorrência de impactos ambientais, tais como perda de solo e assoreamento de cursos hídricos. A realidade do município de Itapuranga, localizado na microrregião de Ceres não é tão diferente de Goiás. Nos últimos anos, o município passou por grande ocupação, notadamente com a monocultura da cana-de-açúcar, resultado da implantação da Usina Vale Verde, na década de 1980. O objetivo deste trabalho é mapear as classes de uso e cobertura da terra no município de Itapuranga, e estimar a quantidade de vegetação, agricultura e pastagens. Para a realização deste trabalho, foi feito processamento de imagem do Satélite Landsat 8 (OLI) de 16 de agosto de 2015 no software SPRING, a classificação foi baseada no algoritmo Battacharya e o limiar de aceitação foi de 95%. Como resultado, percebeu-se intenso processo de conversão no município, já que 59% do território municipal é ocupado por pastagens (~ 721 km²), por sua vez, apenas 32% do município é coberto por vegetação. Ressalta-se que a vegetação remanescente em grande parte se restringe às áreas obrigadas por legislação, como as Áreas de Preservação Permanente (APPs), bem como as regiões com mais altas altitudes (a exemplo da morraria ligada ao sistema Serra Dourada). As áreas com Agricultura, (localizadas principalmente na região leste do município, que possuem relevo mais plano em relação à região norte), mais particularmente a cana-de-açúcar, representam 5,4% da área do município, totalizando aproximadamente 66 km², o que indica apropriação destas áreas para suprir a demanda da usina localizada no município. Percebe-se uma área urbana com apenas 5,8 km², a qual abriga aproximadamente 22 mil habitantes. Os resultados sugerem que o município possui poucos habitantes disponíveis, o que pode comprometer a biodiversidade e a movimentação de fauna. Como se tem a maioria das áreas convertidas para uso antrópico, pode-se deduzir que há expectativa de intervenção no ciclo hidrológico local, o que provavelmente altera a vazão dos rios e pode-se inferir que também ocorram

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

processos de assoreamento, já que há perda de solo das áreas com uso agrícola. Os resultados ainda demonstram que é necessário efetuar diagnósticos do processo de apropriação do espaço e a necessidade de planos em nível municipal para incentivar a conservação ambiental.

Palavras-Chaves: Uso e cobertura da terra, Itapuranga, Impactos Ambientais.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**IMPACTOS AMBIENTAIS E USO E COBERTURA DA TERRA NO
MUNICÍPIO DE ITABERAÍ-GO (2015)**

André Felipe Rosa Campos
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga

Lucas Florambel Rodrigues
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga

Silvio Braz de Sousa
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
sousasb@gmail.com

A sociedade, por meio de técnicas, ocupa o espaço visando satisfazer suas necessidades, sejam elas produção de alimentos, produção de energia ou extração dos recursos minerais. Para tanto, o Bioma Cerrado, que ocupa uma área aproximada de 2 milhões de quilômetros quadrados, perdeu 50% de sua cobertura vegetal original. O Estado de Goiás, um dos doze estados que possui cobertura de Cerrado, possui apenas 22% de sua cobertura original remanescente, realidade similar a dos 246 municípios, principalmente os localizados nas regiões centro e sul do estado. Neste contexto, o município de Itaberaí também apresenta uma paisagem marcada pela apropriação antrópica, fazendo com que políticas públicas em nível municipal sejam necessárias para incentivar a preservação dos poucos remanescentes. O objetivo deste trabalho é mapear a cobertura e uso da terra no município de Itaberaí, apontando um panorama da utilização das terras. Para a realização deste trabalho, foi feito processamento de imagem do Satélite Landsat 8 (OLI) de 16 de agosto de 2015 no software SPRING, a classificação foi baseada no algoritmo Battacharya e o limiar de aceitação foi de 95%. Como resultado, foi percebido que 82 km² do território do município de Itaberaí é ocupado por pastagem (aproximadamente 61%), portanto, este tipo de uso ocupa a maior parte do território municipal. Por sua vez, a cobertura vegetal apresenta apenas 398,6 km², que corresponde a 28% do tamanho total do município, fato que indica intenso desmatamento e apropriação para uso antrópico, resultando em diversos impactos sobre a cobertura vegetal. Tais implicações mostram que com cobertura vegetal reduzida, possa já haver impactos ambientais no nível hidrológico e na evapotranspiração das plantas. Nota-se que o município de Itaberaí é maior em extensão do que o município de Itapuranga. A ocupação da área urbana do município de Itaberaí corresponde a aproximadamente 0,6% de todo seu território, no entanto, este valor corresponde a 9 km², uma área urbana expressiva para os municípios da região, significativamente maior que Itauçu, Itapuranga e até mesmo a cidade de Goiás (antiga capital do estado).

Palavras-Chaves: Uso e cobertura da terra, Itaberaí, Impactos Ambientais.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**IMPACTOS AMBIENTAIS E USO E COBERTURA DA TERRA NO
MUNICÍPIO DE MORRO AGUDO-GO (2015)**

Eduardo Henrique da Silva Amaro
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga

Osmar Albino de Lima Junior
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga

Silvio Braz de Sousa
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
sousasb@gmail.com

O Desmatamento é um dos temas mais recorrentes em trabalhos da área de geografia, disciplina que analisa a ocupação do espaço. Não obstante, o desmatamento reflete a transformação imposta pelas necessidades de uma racionalidade econômica no âmbito agropecuário, de forma que áreas recém desmatadas são incorporadas ao processo produtivo da pecuária ou agricultura. Assim, estima-se que o Estado de Goiás, situado na região Centro-Oeste do Brasil, possua apenas 20% de sua cobertura vegetal remanescente. Ademais, a maioria dos municípios possui uma dinâmica rural ativa, o que promove intensa retirada de sua cobertura vegetal. O objetivo desta pesquisa é quantificar as áreas apropriadas para utilização agrícola no município de Morro Agudo de Goiás. Para cumprir com este objetivo, foi feito o processamento de imagem do Satélite Landsat 8 (OLI) de 16 de agosto de 2015 no software SPRING, a classificação foi baseada no algoritmo Battacharya e o limiar de aceitação foi de 95%. Como resultado, quantificou-se grande ocupação do território municipal com pastagens, as quais ocupam 60% do território (aproximadamente 166 km²), já as áreas utilizadas para a agricultura ocupam 11,4 km² (4% do território municipal. Tais dados apontam para predominância da pecuária no município, já que as pastagens ocupam uma área aproximadamente 16 vezes maior que a agricultura. Por sua vez, apenas 32% do município de Morro Agudo de Goiás é coberto por vegetação (90.7km²). Constata-se que a vegetação remanescente em grande parte se restringe às Áreas de Preservação Permanente (APPs). Quanto à área urbana, corresponde apenas a 0,58 km², a qual abriga aproximadamente 2,3 mil habitantes. Os resultados sugerem que o município de Morro Agudo de Goiás possui pouca cobertura vegetal nativa, o que pode comprometer a biodiversidade. Assim, com pouca cobertura vegetal uma série de impactos ambientais podem ocorrer no município, como as erosões e assoreamento dos rios, fato perceptível em trabalho de campo realizado.

Palavras-Chaves: Agropecuária, Morro Agudo de Goiás, Desmatamento.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**DESMATAMENTO DAS MATAS CILIARES DO RIO CANASTRA EM
ITAPURANGA-GO: DIMENSÃO E CONSEQUÊNCIAS**

Luana Nascimento Jacinto
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
luananascimento023@hotmail.com

Tatiane Ferreira Moreira
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
tatianeferreira8445@gmail.com

As matas ciliares são áreas de preservação permanente de grande importância para o leito dos rios e para animais nativos que vivem próximos das margens. O rio Canastra é um recurso fluvial localizado na zona rural do município de Itapuranga GO de grande importância para a agricultura e pecuária, pois abastece o município. O objetivo do trabalho é analisar a dimensão do desmatamento, as consequências futuras e o prejuízo para a comunidade local. No rio Canastra ocorre grande retirada de areia, o que provoca a erosão de grande parte de sua margem, resultando no assoreamento. No senso comum, esta atividade é benéfica, pois afundaria o rio e aumentaria o fluxo de água, porém a intervenção antrópica no curso do rio terá consequências futuras. Essa pesquisa tem como metodologia a revisão bibliográfica em artigos especializados e visitas técnicas nas margens do rio para análise no local. Espera-se, com isso, gerar uma conscientização popular, a fim de sensibilizar acadêmicos e moradores locais de que se a destruição das margens do Canastra persistir, no futuro a população poderá enfrentar diversos problemas, como uma grande seca. As matas ciliares evidentemente tem sua importância para a permanência de um rio e também para evitar que o mesmo chegue a uma erosão e total assoreamento. Com isso, percebe-se que o rio Canastra deve ser preservado e ter as margens reflorestadas ao longo de seu curso.

Palavras-chave: Matas Ciliares, Rio Canastra, Desmatamento.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

DESTINAÇÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DOS CENTROS URBANOS

Erica Miranda Alves
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
ericamiranda_92@outlook.com

Tainá Martins de Oliveira Cardoso de Siqueira
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
tainamartins20092009@hotmail.com

Este trabalho constitui-se como uma reflexão preliminar sobre o destino dos resíduos sólidos dos centros urbanos. Com o crescimento populacional urbano e o aumento do consumo, o lixo gerado vem aumentando e causando grandes problemas ambientais, como a poluição dos solos, do ar e das águas, pela liberação de gases tóxicos nocivos à saúde e ao meio ambiente. Os lixos urbanos são distintos e podem ser classificados em lixos domiciliares, industriais, hospitalares ou eletrônicos. O destino adequado a esse lixo se faz essencial para a diminuição do processo de geração de impactos ambientais aos ecossistemas. Entretanto, os chamados “lixões”, ambientes localizados nas zonas periféricas das cidades, são depósitos a céu aberto, responsáveis pela proliferação de ratos, baratas e outros insetos, causam mau cheiro, tornando-se verdadeiros focos de proliferações de doenças. Nestes lixões sem fiscalização é possível encontrar pessoas que fazem coletas de lixo e alimentos que as expõe a doenças, devido aos riscos por entrar em contato com materiais cortantes e infectados. Estes resíduos, quando entram em estado de putrefação, produzem o chorume, responsável pela contaminação de rios, lagos e lençóis freáticos próximos aos lixões, causando danos irreversíveis. Com a pesquisa, foi possível concluir que existe a destinação adequada para cada tipo de resíduo. No Brasil, os aterros sanitários são os principais meios de tratamento do lixo urbano. Nestes locais, o solo é impermeabilizado, os lixos orgânicos são colocados em camadas e intercalado com a terra para diminuir o mau cheiro e evitar a proliferação de insetos e doenças. O processo de decomposição ocorre por bactérias e, como resultado, ocorre a geração do gás metano que pode ser queimado e utilizado na produção de energia elétrica, sendo um recurso sustentável que reduz a agressão ao meio ambiente. Já para lixos específicos, como os domiciliares, que são os restos de comidas, utiliza-se a compostagem, que transforma estes resíduos em adubos. Para outros resíduos sólidos realiza-se a coleta seletiva, que, em seguida, os destinará para a reciclagem e produção de outros materiais, a exemplo de vidros, papéis e plásticos. Lixos que oferecem riscos a saúde e podem causar contaminações, como lixos hospitalares, são consumidos em incineradores específicos e a fumaça liberada passa por um processo de filtragem para diminuir ao máximo sua poluição. E por último, os resíduos que merecem tratamentos especiais como pilhas, baterias, eletrônicos e lâmpadas, não podem ser misturados com os demais lixos, e são elementos químicos que podem causar graves danos ambientais. Estes materiais, após o uso devem ser separados para terem um destino correto. Com

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

esta pesquisa foi possível chegar a conclusão de que o lixo que produzimos pode causar muitos danos se não tratados de forma correta, devido cada lixo ser diferente e ter uma destinação específica.

Palavras-chave: resíduo sólido, centros urbanos, danos ambientais.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

OS IMPACTOS AMBIENTAIS NO CORRÉGO GOIABA - MORRO AGUDO GOIÁS: O CASO DA INDÚSTRIA DE LATICÍNIO

Marcos Aurélio Soares de Deus
Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Itapuranga
marcosdedeus76@gmail.com

Marcelo Carlos de Oliveira
mo711746@gmail.com
Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Itapuranga

O mundo moderno tem como objetivo, o crescimento econômico e consequentemente a poluição caminha a passos largos lado a lado com o desenvolvimento. A cidade de Morro Agudo de Goiás situada no Vale do São Patrício não é diferente das demais cidades do entorno. Podemos afirmar que os produtos tóxicos e fertilizantes lançados na natureza alterando os sistemas das águas prejudicando o ser humano e toda a ecologia local. Em Morro Agudo de Goiás a indústria de laticínio Miliano vem causando a contaminação a muitos anos das águas do Córrego Goiaba que passa ao lado da cidade. Esta condição vem gerando vários transtornos ambientais e desconfortos a população local. Os pequenos proprietários de terra e a população mais próximas ao rio, são as mais afetadas pelo mau cheiro, os prejuízos são enormes, o desrespeito a natureza e as pessoas que depende do córrego para os seus trabalhos de irrigação sustentável capaz de gerar inúmeros trabalhos melhorando consequentemente a renda desses cidadãos. O objetivo é levantar uma problemática no sentido de orientar as futuras gerações que além da impunidade gerada pela indústria, a falta consciência das pessoas que lançam ao rio lixos e produtos contamináveis contribui junto com as empresas a intensificar os impactos ambientais. O Córrego Goiaba tem equivalente a 4 km de extensão e cerca de 1000 metros são afetados pelos resíduos do laticínio entre outros lixos lançados ao seu leito promovendo o represamento das águas. O local se torna ideal para a proliferação do mosquito da dengue, deixando o rio inviável para qualquer tipo de manejo, transformando o córrego em um ambiente gerador de bactérias, causando doenças a população local.

Palavras-Chave: Córrego Goiaba; Poluição; Sustentabilidade

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

APLICAÇÃO DE ESTATÍSTICA ESPACIAL PARA MODELAGEM DOS PADRÕES ESPACIAIS DA PECUÁRIA NO ESTADO DE GOIÁS

Robson Vieira Coelho
Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UEG)
E-mail: robsonvieiracoelho@hotmail.com

Silvio Braz de Sousa
E-mail: sousasb@gmail.com
Laboratório de Processamento de Dados e Gestão Territorial (LAPROTER)
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

A pecuária, uma das principais atividades econômicas do Brasil, corresponde a aproximadamente 30% do Produto Interno Bruto do Agronegócio (AGE/MAPA, 2014) e se constitui em uma das mais importantes formas de utilização do espaço, sendo capaz de alterar substancialmente a paisagem, visto que seu desenvolvimento, em geral de modo extensivo, mobiliza grandes áreas cobertas por forragens das mais variadas espécies. O Estado de Goiás, é o terceiro maior estado no que diz respeito ao efetivo bovino, apresentando em 2014, 21,5 milhões de cabeças em uma área aproximada de 13,5 milhões de hectares de pastagens. Compreender a distribuição espacial das pastagens e das atividades pecuárias é importante para a gestão territorial, principalmente no que diz respeito a melhor distribuição de crédito agrícola, dinamização econômica equânime, bem como incentivar práticas mais sustentáveis. Este trabalho tem como objetivo geral identificar padrões espaciais da pecuária goiana, tendo como base de dados principal as estatísticas da Produção Pecuária Municipal (IBGE). Quanto aos objetivos específicos tem-se: 1) integrar dados estatísticos da PPM a um banco de dados espacial para modelagem em SIG; 2) Analisar a distribuição espacial das variáveis de produção pecuária (área ocupada por pastagens, rebanho bovino, número de abates, produção leiteira e número de vacas ordenhadas); 3) Definir os padrões espaciais das atividades produtivas no território do estado de Goiás. Os procedimentos metodológicos incluem: processamento de dados estatísticos em ambiente SIG, construção de mapas e aplicação de Estatística Espacial para modelagem da pecuária no Estado de Goiás. A análise dos regimes de associação espacial se baseou principalmente em técnicas de Análise Exploratória de Dados Espaciais (AEDE). Foi testada a autocorreção espacial local por meio do índice de tipo LISA (I de Moran Local) e sua representação cartográfica por meio de mapas de *Clusters* espaciais, considerando regiões produtivas, pouco produtivas e *outliers*. A matriz de pesos espaciais definida para a modelagem foi a do tipo “Distância Inversa” e as variáveis testadas foram: área ocupada por pastagens, rebanho bovino, número de abates, produção leiteira e número de vacas ordenhadas para todos os 246 municípios do estado de Goiás. A significância considerada no modelo foi de 95% e o teste de significância aplicado foi de aleatoriedade. Os resultados apontam que o estado de Goiás possui

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

padrão concentrado das atividades voltadas para o Corte (região noroeste de Goiás) e de leite (sul goiano), no entanto, estas atividades raramente coexistem com alto padrão produtivo em um mesmo município. Somente o Município de Jatai apresentou-se como um *outlier* produtivo, posicionando-se no quadrante Alto-baixo do diagrama de espalhamento de Moran para as variáveis efetivo bovino, abate e produção de leite. Os dados apontam que a Região Metropolitana de Goiânia apresenta pouca produção pecuária, bem como, pouca quantidade de bovinos em relação ao estado, com exceção de Trindade, que se destaca com *outlier* produtivo em relação a produção leiteira. Tais indicações, demonstram a possibilidade de investimentos para intensificação da pecuária em municípios com alto índice produtivo, bem como, necessidade de iniciativas que distribuam melhor as atividades pecuárias pelo território.

Palavras-Chave: Pecuária; Geografia; Cartografia

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

A CONTRIBUIÇÃO DE AZIZ AB’SABER NA GEOMORFOLOGIA DO BRASIL

Filipe Borba de Moura
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
filipeborbahti@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo entender a gênese do pensamento geomorfológico no Brasil, principalmente a partir das inferências de Ab’Saber para esta ciência autônoma e de relevância para o pensamento geográfico. A partir da década de 1950, a linhagem epistemológica alemã passou a influenciar os estudos da Universidade de São Paulo (USP) e os maiores pensadores brasileiros, sendo considerada a forma mais cabível e coerente de entender o relevo brasileiro. Por meio desta pesquisa, buscaremos compreender as influências de Aziz Ab’Saber na construção do pensamento geomorfológico no Brasil. O percurso desse trabalho é de cunho bibliográfico ou literário, o que nos levará a uma releitura dos fundadores e intelectuais da Geomorfologia Geográfica. O pensamento geomorfológico brasileiro tem como principal base de estudo à linhagem alemã, que tem como grande nome Walter Penck (1924), o principal opositor ao geólogo William M. Davis (1899). Enquanto este último acreditava no processo de formação do relevo a partir do processo de soerguimento e denudação que acontecia individualmente, W. Penck discordava e dizia que o processo ocorria de forma conjunta e sofria grandes influências de forças exógenas. Então, Ab’Saber, a partir da década de 1950, diante da confrontação destas teorias, foi influenciado pela linhagem alemã a reinterpretar os estudos sobre relevo no Brasil. Por fim, vale ressaltar os processos históricos e epistemológicos da geomorfologia geográfica, para se construir interpretações do relevo nos estudos contemporâneos baseados no entendimento e na ideia de totalidade da natureza e dos fenômenos, para evitar a especialização ou fragmentação do conhecimento que pode levar a ciência à descontextualização e à leituras equivocadas dos fenômenos.

Palavras-chave: Geografia, Geomorfologia, Epistemologia.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

CONTRIBUIÇÕES DE HUMBOLDT E GOETHE NA PAISAGEM EM GEOGRAFIA

Aladilson Magalhães Mendes
Graduando em licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás
Campus Itapuranga E-mail: aladilson_mendes@hotmail.com

Danilo Cardoso Ferreira
Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás e Professor do Curso de
Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Itapuranga. E-mail:
prof.daniloueg@gmail

O objetivo desse trabalho é apresentar as contribuições de Humboldt e Goethe para a consolidação da categoria paisagem na Geografia, e em especial para os estudos e compreensões da natureza. Observando as leituras que essa categoria analítica passou com pesquisas realizadas por vários autores, Goethe entendia que estudar a natureza era uma vertente voltada para a compreensão de como se deu a organização do mundo, assim, entender esse fenômeno está dentro desses processos. Goethe compreendia a natureza como concepção de totalidade e também ele a via por uma atividade do cosmos, assim a paisagem era a melhor maneira para obter essas informações. Humboldt neste campo é um dos grandes precursores dentro desta categoria analítica da geografia, seus estudos eram realizados buscando verificar uma totalidade na paisagem, e ele não entendia que uma visão abstrata fosse capaz de sintetizar a realidade empírica dessa categoria. Com estudos em autores como Vetto (1998), Bowen (1981), Levingstone (1992), entre outros voltados para essa mesma linha de pensamento de Humboldt e Goethe, buscamos em uma profunda análise teórica metodológica para entender todas essas etapas tão importantes para geografia física moderna. Pois é de fundamental importância conhecer a história da geografia, para que ela não seja classificada apenas como uma ciência compactada.

Palavras-chave: Geografia, Paisagem, História.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

EIXO TEMÁTICO 2:
GEOGRAFIA E ANÁLISE DO ESPAÇO
URBANO E RURAL

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

A INTERAÇÃO ENTRE O URBANO E O RURAL: O PAPEL DA AGRICULTURA EM ITAPURANGA

Isaac de Lima Tavares
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
g4l3gu@hotmail.com

O Município de Itapuranga está situado no estado de Goiás, na região do Vale do São Patrício. A origem de seu povoamento foi em 1933, quando os frades dominicanos, sediados na cidade de Goiás Velho, requereram do Estado um título de posse de um lote de terras devolutas, situadas à margem esquerda do Rio Canastra, o rio que abastece a cidade. Com isso, passou a se chamar, a princípio, Xixá, pois a primeira missa foi sobre a sombra de um Xixazeiro, árvore abundante na região. Logo após, recebeu o nome de Itapuranga. A qualidade do solo e características do relevo proporcionam para o município o domínio agrícola. Sua economia é basicamente movimentada por produtos provenientes da pecuária, o qual se destaca o gado leiteiro e de corte, e produção na suinocultura, piscicultura e avicultura. Algo recente que têm promovido o crescimento demográfico e do tecido urbano de Itapuranga, é a usina da cana-de-açúcar, que alavancou a economia atraindo migrantes em busca de empregos, aumentando o contingente populacional e o tecido urbano. Nas terras são cultivados vários tipos de plantações, sendo divididas por pequenos proprietários, trabalhadores rurais de muitas regiões do município. Os produtores, em sistema de cooperativa, desenvolvem a agricultura familiar, na qual se destacam produtos caseiros de variados tipos, tendo uma forma de organização social e interação com a população urbana. Os produtos frescos são expostos e comercializados em um tipo de feira rural, localizada em local estratégico no centro da cidade. Assim, além do aspecto econômico evidenciado na comercialização de produtos tido como de boa qualidade, o local tornou-se um centro cultural, atraindo pessoas de vários locais e movimentando a economia local. Também vale ressaltar que, embora não se possa generalizar, a maioria dos produtores familiares não utiliza agrotóxicos ou os utiliza de forma amena, fato que associa, muitas vezes, a agricultura familiar local à agricultura orgânica. Existe também a Feira Coberta localizada no Xixazão aos domingos, onde há produtos rurais e urbanos como frango vivo, carne suína, bovina, milho, doces, etc. O meio urbano de Itapuranga possui outras fontes que geram renda para a cidade, como por exemplo: comércios, facções têxteis e confecções que têm atuado em âmbito regional. A interação entre os espaços rural e urbano mobiliza um completo mercado financeiro, propício para o crescimento de Itapuranga, constituindo-se como um fenômeno a ser investigado em pesquisas.

Palavras-chave: Agricultura familiar, Itapuranga, Espaço urbano, Espaço rural

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**A CIDADE DE ITAPURANGA-GO: O RECORTE ESPACIAL DA
ESTRUTURA URBANA E SUAS FUNÇÕES NA DINÂMICA TERRITORIAL**

Edgar Campos Ferreira
Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Itapuranga
edgarcanposferreira@gmail.com

É visível uma urbanização no Brasil de forma acelerada, sendo decorrente pela expansão industrial que se acelerou a partir da década de 70 de tal forma que houve um grande número da população rural deslocando para as cidades, e provocando neste processo de urbanização uma segregação urbana e conseqüentemente espacial, que foi implantado de forma que excluiu os trabalhadores dos grandes centros urbanos, criando meios para submeter esta população desfavorecida a uma desigualdade social que se materializou na paisagem urbana. A partir de uma leitura bibliográfica que possibilitou o entendimento da questão urbana e o processo de segregação na cidade de Itapuranga, os problemas deste processo estão bem evidente nesta cidade, sendo o centro da cidade a principal área de atuação da população, concentrado a maioria dos comércios e responsável por um grande fluxo de pessoas e carros nas vias 45 e 49, onde os moradores obtêm uma renda razoável, onde também se localiza uma estrutura de casas bem superior à média aparente em termos de seus acabamentos tendo acabamentos modernos e de alto padrão. Há também a parte histórica da cidade o Xixazão e destaca como sendo o começo da cidade abrigando antigas casas que fazem parte do contexto primário da construção, que com o tempo vai perdendo espaço com as novas casas. E por último a periferia de Itapuranga localizada no que a população local denomina de casinha, sendo casas construídas pelo governo estadual e doadas as pessoas mais carentes e necessitadas. O sistema urbano mal planejado como as ruas muito curtas em relação aos loteamentos do centro e as casas desprovidas de acabamento em loteamentos sem asfalto e a população vivendo com o dilema da poeira e sem nenhuma infraestrutura como asfalto, esgoto, escola, lazer, iluminação pública, e outros demais serviços. Mediante os resultados parciais da pesquisa de campo constatou-se que esta divisão espacial urbana da cidade de Itapuranga se apresenta com altos índices de segregação sócio-espacial. Esse tipo de segregação na cidade de Itapuranga gera para a população geral da cidade núcleos específicos de violência urbana bem como um completo descontrole da expansão urbana pela falta de planejamento estratégico para o crescimento da cidade.

Palavras-Chave: Itapuranga; Segregação Sócio-espacial; Planejamento Urbano

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

A DIFICULDADE DA ACESSIBILIDADE URBANA NA CIDADE DE GUARAÍTA-GO

Eduardo Fernando lemes levindo
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
eduardo-levindo@hotmail.com

Daniela Almeida Rosa
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
danikitte@hotmail.com

A acessibilidade urbana é um assunto que está sendo muito recorrente nos dias de hoje, sendo esse termo discutido desde o final do século XX. O tema emerge diante de um grande interesse em possibilitar e dar condições às pessoas ou aos grupos sociais o direito à locomoção com segurança e autônoma. No final do ano de 2000, o Congresso Nacional decretou e sancionou a lei de número 10.098, estabelecendo normas gerais para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte de comunicação. Mas não é isso que constatamos no dia-a-dia do meio urbano. Quando se fala em acessibilidade urbana, toca-se em um problema que está presente em todas as cidades brasileiras, seja ela uma grande metrópole ou uma cidade pequena. A cidade de Guaraíta é uma cidade pequena situada no interior do estado de Goiás e, assim como as grandes metrópoles, também enfrenta graves problemas na questão da acessibilidade urbana. Por ser uma cidade pequena, as dificuldades para favorecer acessibilidade para todos são amenizadas, mas isso não acontece por falta de interesse dos governantes e até mesmo da própria população. A cidade de Guaraíta tem muitos problemas que precisam ser resolvidos em relação à infraestrutura urbana. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é demonstrar como esses problemas de infraestrutura afetam a vida de sua população. As calçadas desniveladas, com muitos buracos e cheias de obstáculos, ocupadas por comerciantes, que nelas expõem suas mercadorias, e onde os próprios moradores a utilizam para colocar entulho de seus quintais ou até como depósito de materiais de construções, tornam a circulação praticamente inviável ou dificultada a qualquer pessoa que seja portadora de necessidades especiais ou não, tendo mobilidade reduzida ou não. Para a análise, utilizaremos como procedimentos metodológicos, leituras bibliográficas, entrevistas, visitas a campo e fotografias. Os resultados esperados desta pesquisa visam uma reflexão sobre as políticas públicas locais para o melhoramento da acessibilidade do município.

Palavras-chave: Acessibilidade urbana, Infraestrutura urbana, Direito.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

O PROJETO “DESCIDA ECOLÓGICA” DO RIO URÚ: AS INTENÇÕES POLÍTICAS DE UM PROJETO DE SUSTENTABILIDADE

Taís Alcântara Souza

tais_alc@live.com

Graduanda em Geografia da Universidade Estadual de Goiás

Kenia Moura dos Santos

Keniamoura48@gmail.com

Graduanda em Geografia da Universidade Estadual de Goiás

A descida ecológica no Rio Uru é um evento que acontece anualmente desde 2004 no município de Heitorai GO. Este projeto visa a conscientização ambiental e a conservação do Rio, por meio da coleta de lixo e plantio de plantas nativas. Nos primeiros anos do projeto teve se a idéia de que a descida seria em canoas, botes ou bóias e os participantes do evento deveriam recolher o máximo de lixo nas margens do rio havendo uma premiação simbólica no final. Este ato de conscientização fez com que houvesse uma repercussão sobre a necessidade de envolvimento de comunidades das regiões locais e distantes, nos anos seguintes cada vez mais havia participantes, a ajuda de uma grande parte da população e das escolas, fez com que esta preocupação com a preservação levasse durante alguns anos a idéia da consciência ambiental. Essa pratica de que a população deveria ajudar na reconstituição dos leitos e margens do rio e suas devidas matas, foi um grande incentivo de inicio de um projeto promissor e que faria a diferença para os entorno desse rio. O movimento tinha na pratica certa organização, porém deixou de ser visto como um projeto ambiental e educacional e passou a ser apenas por lazer e propagandas. Atualmente as margens do rio estão sendo ocupadas indevidamente, há esgotos que foram ligados diretamente ao rio, o desmatamento é constante, a população local está situada próxima a um rio com intenso processo de degradação tal como o assoreamento ocasionado pela utilização indevida do uso insustentável de suas potencialidades. A ocupação irregular do mesmo, que hoje abrange metade de suas extensões causa a degradação do ambiente local e é vista quando comparada a quantidade de água e matas que ainda restam.

Palavras-Chave: Rio Urú; Sustentabilidade; Políticas Públicas

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

A HISTÓRIA DO “LUGAR DE PEDRAS BONITAS” NA ORALIDADE DE SUAS ARTESAS

Andressa Rodrigues Santos
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
andressah.rodrigues@hotmail.com

Luana Nunes Martins de Lima
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
prof.luanunes@gmail.com

Itapuranga é uma cidade pequena e relativamente recente (63 anos), situada no Centro Goiano, na microrregião de Ceres. A cidade ganhou esse nome por causa de muitas pedras encontradas na região - na língua Tupi, Itapuranga significa “pedra vermelha” ou “lugar de pedras bonitas”. Inicialmente, era um vilarejo denominado Xixá, pois a primeira missa, nas primeiras décadas do século XX, fora realizada em baixo de um xixazeiro. As memórias de Itapuranga vão além de localizações e datas, pois, como assimilou Ecléia Bosi (1994, p. 451), existe algo na disposição espacial que “torna inteligível nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres, o valor do nosso trabalho, nossa ligação com a natureza. Esse relacionamento cria vínculos que as mudanças abalam, mas que persistem em nós como uma carência”. Por isso, ao enveredarmos pelas memórias de uma cidade, é tão importante reconhecermos as pessoas idosas como fonte oral, uma vez que suas histórias de vida estão atreladas à própria construção da cidade. Em “Memória de sociedade: lembranças dos velhos”, Ecléia Bosi (1994) ainda ressalta que nós temos que lutar pelos velhos, pois eles são a fonte da cultura onde o passado se conserva e o presente se prepara. A principal “tarefa” do velho é lembrar e aconselhar a sociedade (família) para que a cidade não perca a sua cultura familiar, social, grupal e outras. Tendo isso como premissa, o objetivo desse trabalho é desvelar, pela oralidade, o sentido de lugar e a memória que emerge das relações sociais, dos símbolos, das lembranças e das experiências vividas na totalidade da cidade. Como metodologia, adotaremos as técnicas da entrevista narrativa e da História Oral, realizando visitas ao programa *Conviver*, o qual ocorre todas segundas, terças e quartas feiras no Centro Cultural Cora Coralina. O programa tem o objetivo de alcançar a Terceira Idade com a realização de cursos artesanais, acompanhamento psicossocial e outras formas de ação social. No local, muitas senhoras fazem tapetes de grades, bordados de ponto cruz, vagonite, crochê, entre outros. Elas também fortalecem a memória por meio de conversas e sempre comentam sobre sua infância, desde o pequeno vilarejo Xixá. Falam sobre a dificuldade de locomoção, sobre como a cidade foi crescendo e modernizando. Algumas “reclamam” de como a vida mudou, pois tinham suas vidas tranquilas e calmas nas fazendas da região, mas tiveram que sair para que pudessem ser construídas casas, estradas entre outros elementos decorrentes da urbanização. Além de recorrer às visões de mundo e opiniões de idosos de idades e

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

culturas diferentes, buscaremos relatos de alguns professores da Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga, do curso de Licenciatura em História, que já desenvolveram pesquisas sobre a representação do passado da cidade e sobre os saberes e narrativas das tecedeiras e fiandeiras de Itapuranga, bem como realizaremos a revisão bibliográfica pertinente. A pesquisa está em andamento, razão pela qual não apresentaremos resultados definitivos, mas de antemão, esperamos colaborar na construção de um registro da memória da cidade de Itapuranga e apontar para as relações de identidade e enraizamento com o lugar, dando voz a um grupo social que tem muito a dizer sobre a cidade do passado, do presente e do futuro.

Palavras-chave: Memória, lugar, Itapuranga, Artesãs.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**A FOLIA DE REIS DE LAGES-GO E OS REFLEXOS DA
CONTEMPORANEIDADE**

Jair José da Rocha
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
jairjoserocha@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo compreender a história da Folia de Reis de Lages – Itapuranga-GO, desde o seu surgimento, analisando as transformações socioculturais e espaciais que perpassam a festividade nos últimos anos. A diminuição dos foliões pioneiros e a inserção de jovens na folia manifestam uma possível relação com a transição da Folia de Reis do campo para a cidade. O embasamento teórico se dará a partir de uma revisão bibliográfica, que se constitui na etapa inicial de um processo de pesquisa, com uma proposta de estudo investigativo, bem como material de apoio fornecido pelos próprios moradores e participantes da Folia de Reis de Lages. Serão utilizados também estudos sobre cultura, bens culturais, patrimônio e história da Folia de Reis, que servirão de fundamentação para esse trabalho. Dessa forma, para melhor desenvolvimento do trabalho será necessário identificar o número de integrantes e de residências visitadas na Folia de Reis, a faixa etária dos participantes e os simbolismos presentes nos rituais de fé e devoção; comparar os elementos tradicionais da festa, desde saída e a chegada dos foliões; observar os elementos do sagrado e do profano presentes na festa; entender os principais motivos que fazem com que a tradição da Folia de Reis continue a existir na Região de Lages; e destacar os pontos de maior demonstração da materialização da fé e da cultura durante os rituais da folia de reis.

Palavras-Chave: Tradição, Folia de Reis de Lages, Festa, Religiosidade.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**FOLIA DE REIS NO DISTRITO DE LAGES - ITAPURANGA-GO: UMA
MANIFESTAÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR**

Stenio Senna Hordones de Sousa
Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Itapuranga
stenio_ita02@hotmail.com

Esta pesquisa tem como objetivo levantar informações sobre a trajetória histórica da Folia de Reis no distrito de Lages, Itapuranga-GO, apresentando seu surgimento, como acontece, o que busca e o que retrata na vida de muitas pessoas que moram no povoado de Lages. A presente pesquisa envolverá levantamento e revisão bibliográfica da temática, e execução de pesquisas de campo envolvendo entrevistas com pessoas residentes no povoado para colher informações acerca da trajetória histórica e cultural da folia. A Folia de Reis em Lages é uma festa religiosa mantida pela devoção popular na região há 71 anos. É um costume que se baseia no desenvolvimento contemporâneo em que prevalecem os valores da herança cultural. Mesmo depois de alguns séculos, sofrendo algumas influências na fé de seus integrantes e interferências da Igreja na vida social, política, cultural e econômica como um todo, a Folia de Reis não perdeu no tempo a essência do aspecto religioso e espiritualidade de seus devotos. Via de regra, não se tem levado em conta se as mudanças que vêm ocorrendo nessa festa simbólica tem afetado a essência de seu universo cultural. A Folia de Reis, se deslocada de seu contexto de origem, pode tomar um outro valor e, por vezes, um outro sentido. Muitos componentes diferentes, adversos a uma série de valores que lhes são próprios e próprios de sua cultura.

Palavras-chave: Folia de Reis, Tradição Religiosa, Cultura

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

EIXO TEMÁTICO 3:
GEOGRAFIA E ENSINO / GEOGRAFIA E
CARTOGRAFIA

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA: UMA REFLEXÃO SOBRE NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO

Danley Rodrigues de Carvalho
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
danleyrodrigues@hotmail.com

Neste trabalho temos como objetivo reconhecer as principais causas que geram dificuldades e desmotivação nos alunos do ensino médio no processo de aprendizagem de Geografia. Buscamos compreender se os métodos utilizados pelo corpo docente estão, de fato, proporcionando resultados positivos na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. No decorrer de 2016 faremos diferentes tipos de pesquisas para coleta de dados e formulação das hipóteses de pesquisa, tais como revisão bibliográfica em livros e artigos especializados no assunto, diálogos com alguns professores da área e aplicação de questionários aos alunos. Como resultados parciais da pesquisa, já identificamos que os alunos manifestam uma resistência à disciplina, por associarem com muitas informações que a eles parecem ser desnecessárias. Notamos também um grande desinteresse ao conteúdo de cartografia, pelo fato de não haver, na maioria dos casos, professores qualificados suficientemente para exercer a atividade e por ser uma matéria bastante complexa, cuja apreensão requer conhecimentos em outras áreas do conhecimento, o que causa nos alunos o que chamamos de desmotivação pelo conhecimento sobre a disciplina de Geografia. Através dessa pesquisa é possível perceber que um dos principais problemas apontados se direciona ao livro didático. Os próprios alunos apresentam reclamações sobre a linguagem que o livro contém, com palavras desconhecidas e gráficos de difícil compreensão. Evidenciamos a necessidade de repensarmos as práticas de ensino e investirmos em novas metodologias. Os professores devem buscar elaborar aulas atrativas com outros meios de informação, deixando assim de utilizar o livro didático como único instrumento de aprendizagem. Identificamos também que o aluno se interessa e até participa da aula quando o assunto se relaciona com algo do seu dia-a-dia. Ou seja, o professor deve proporcionar aulas dialogadas que trazem assuntos relacionados à Geografia, considerando as experiências prévias dos alunos, a fim de gerar reflexão e um olhar crítico que os possibilite aprender melhor.

Palavras-chave: Geografia escolar, Metodologia de ensino, Percepção Educacional.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**O TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA URBANA:
EXPERIÊNCIA PRÁTICA COM OS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL DE
ITAPURANGA - GO**

Augusto César Noronha Rodrigues
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
augustocesarnr@hotmail.com

Luana Nunes Martins de Lima
Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Itapuranga
prof.luanunes@gmail.com

Por meio deste estudo pretendemos abordar o trabalho de campo como elemento fundamental para o ensino de geografia, com ênfase na Geografia Urbana. O estudo se desenvolverá no âmbito do Projeto de Extensão intitulado “Práticas pedagógicas de Geografia urbana: o trabalho de campo como aproximação empírica da modernização, do planejamento e da segregação socioespacial”, para coleta de dados que serão sumamente importantes na análise empreendida. Com o Projeto de Extensão esperamos atuar juntos à comunidade local, a fim de proporcionar aos alunos das escolas da rede pública da cidade e do entorno a possibilidade de incursão em atividades que aliam teoria e prática, coordenadas pelos próprios alunos estagiários do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, campus Itapuranga - GO. Inicialmente, propomos a realização de um trabalho de campo com os alunos do segundo ano do Ensino Médio do Colégio Estadual de Itapuranga (CEITA), conduzidos por graduandos do quarto ano de Geografia da referida universidade, na busca por agregar o conhecimento teórico à observação da realidade local e regional. Como resultado do projeto, esperamos que os alunos em formação docente percebam a importância do trabalho de campo para compreensão empírica dos conteúdos que são estudados em sala de aula. Ao demonstrar as contribuições do trabalho de campo no ensino de Geografia e as reflexões sobre o seu alcance na educação básica, a expectativa é de que os professores em formação utilizem mais essa metodologia para trabalhar com seus alunos. Por se realizar fora da sala de aula, onde o aluno, de certa forma, está livre para conhecer o mundo, o trabalho de campo tem um potencial atrativo ao ensino, de forma que poderemos avaliar em que medida ele consolida a aprendizagem de certos conceitos. A pesquisa em curso partirá de um breve histórico de como se iniciou o estudo das cidades no Brasil, que por influência francesa, introduziu os métodos e técnicas da Geografia Moderna, construindo verdadeiras monografias urbanas por meio de trabalhos de campo coletivos. A segunda parte da pesquisa trará as experiências vividas e a avaliação de alguns trabalhos de campo realizados durante a graduação, incluindo as experiências com o referido projeto de extensão.

Palavras-chave: Trabalho Campo, Geografia Urbana, Ensino.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**LEI 10.639/03 E SUA CONTRIBUIÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM SOBRE A ÁFRICA**

Venusa Tavares Lima
Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Itapuranga,
bolsistas do PIBID-Capes
venusatl@hotmail.com

Laudiceia Santana de Souza Siqueira
Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Itapuranga,
bolsistas do PIBID-Capes.
laudia.2523@gmail.com

Em março de 2003 foi aprovada a Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Essa lei altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e tem o objetivo de promover uma educação que reconhece e valoriza a diversidade. Focamos nossos estudos, a partir da experiência de compartilharmos conhecimentos acerca da História Africana, na qual selecionamos a Escola Estadual José Pereira de Faria como uma das escolas campo. O trabalho de investigação nesta escola foi realizado na turma do 9º ano C do ensino fundamental do período vespertino. Teve como intuito apresentar uma África rica em saberes culturais com seus ritmos musicais, culinária, moda, dança, história e etc., além de desconstruir as visões estereotipadas e negativas sobre o continente. Buscamos formas de tratar do continente africano sem a visão do colonizador e sem reproduzir seus discursos. O objetivo geral foi desenvolver uma reflexão sobre a colocação e a efetivação desta lei no ensino e, em especial, no ensino de geografia, contribuindo com o ensino sobre o continente africano e a afrodescendência sem reforçar o pensamento eurocêntrico. Tais perspectivas estão presentes na lei 10.639 que trata do ensino da África e cultura afro-brasileira nas disciplinas da rede de educação básica. Usando de métodos qualitativos e dividindo a construção do trabalho em diversas etapas, percebemos que em sala de aula pode-se trabalhar uma nova visão da África com diversas metodologias. Este estudo corresponde a parte do trabalho dos bolsistas do PIBID, que se sentem satisfeitos com os resultados até agora alcançados. Trabalhar uma temática a partir de uma opinião formada sobre ela munida de preconceitos e tentar refletir sobre o assunto na tentativa de desconstruir/reformular opiniões não é tarefa fácil, mas cremos que por meio de um trabalho comprometido seja possível.

Palavras-Chave: Geografia escolar, História da África, Lei 10.639/03.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**CAMINHOS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DOS
CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA FÍSICA NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Ma. Lucimar Marques da Costa Garção
Universidade Estadual de Goiás – Campus Porangatu
lucimargeo35@gmail.com

A organização metodológica no intuito de melhor articular o processo de ensino e aprendizagem no âmbito dos conteúdos da geografia física relacionados a atmosfera, litosfera, hidrosfera e biosfera, são desafios que perpassam as aulas de geografia do 6º ano. Há de se pontuar que ainda há certo desinteresse nesses alunos quando durante as aulas são feitas extensas leituras enfadonhas de conteúdos que não contextualizam a realidade de modo que promova uma aprendizagem significativa. Pensando nessa problemática e atuando como docente do curso de licenciatura em específico de disciplinas da geografia física e ainda da educação básica (6º ano), é que tenho observado a importância de se trabalhar com material pictórico. Assim sendo, através dessa interface, é possível analisar as condições em que ocorre a formação do professor de Geografia e as práticas docentes vivenciadas na Educação Básica. Pensando na aplicação dos conteúdos para alunos do 6º ano, afirma-se que a linguagem cartográfica, propicia maior interesse e participação nas aulas de geografia. Outrossim a pertinência da utilização de recursos como mapas, figuras e maquetes, possibilitam o melhor entendimento do local, além da questão da escala dos fatos e fenômenos. Assim a integração dos conhecimentos e a espacialização das informações durante a exposição dos conteúdos, tornam-se atraentes. Destaca-se que na atual conjuntura a aplicação dos conhecimentos geográficos permeiam avaliações externas que são aplicadas na escola e estão relacionados principalmente ao entendimento da linguagem cartográfica. Nesse contexto Castrogiovani (1998) alega que o mapa é um meio de comunicação, portanto, deve fazer parte do cotidiano escolar e não apenas serem incluídos nos dias específicos de geografia. Logo, o incentivo a interpretação daquilo que está sendo observado, problematizando com a realidade vivida, propicia a formação de sujeitos críticos e reflexivos (Cavalcanti, 2002). Nesse entendimento, as propostas metodológicas para uma aprendizagem significativa nas aulas do 6º ano, tornam-se atraentes, à medida que docentes saem da linha de comodismo durante a preparação das aulas e buscam por recursos didáticos que miram para melhorias no processo ensino-aprendizagem da Geografia escolar.

Palavras-Chave: Geografia Física; Ensino Fundamental; Ensino de Geografia

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**A CARTOGRAFIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: O
PRELÚDIO DE UMA REFLEXÃO**

Dayane Teixeira da Silva
Graduanda do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - Itapuranga
dayaneteixeira@outlook.com

Juliana dos Santos Silva Barbosa
Graduanda do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - Itapuranga
jjjsss.sousa@gmail.com

Segundo os relatos de professores que ministram a disciplina de Geografia o conteúdo que apresenta maior dificuldade no processo de ensino e aprendizagem devido ao seu alto nível de complexidade é a cartografia. Há muitas reclamações por parte dos professores acerca dessa dificuldade em ministrar essas aulas. Algumas das reclamações advindas da classe docente é a falta de infraestrutura oferecida pelas escolas. Além disso, a quase inexistência de recursos didáticos como acervo de mapas de qualidade, globos terrestres e maquetes tornam ainda mais difícil o desenvolvimento das atividades relacionadas ao campo científico da cartografia. (RUDI PEDRO LUNKES). Junto com a desestrutura encontrada nos espaços de ensino o conteúdo da cartografia é o que apresenta maior dificuldade de aprendizagem por parte dos alunos do ensino básico, por apresentar como base teórica a matemática e a interpretação lógica. A dificuldade geral apresentada pelos alunos em relação aos conteúdos ligados à matemática (Física e Química) já se configurou na história do ensino como um dado da realidade escolar. Esse processo junto aos conhecimentos de cunho geográfico transformam a realidade do processo de ensino aprendizagem do conteúdo de cartografia, colocando-o como um dos mais complexos dentro do ensino da ciência geográfica. (RUDI PEDRO LUNKES).

Palavras-Chave: Cartografia; Ensino de Cartografia; Geografia

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

**A GEOGRAFIA EM DESTAQUE: A IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA
PARA (RE)AFIRMAÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA**

Cleiton Tavares Lima

Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Itapuranga,
bolsista da Capes-PIBID, Discente de iniciação científica PIVIC-UEG. E-mail:
vctavareslima@gmail.com

Maria de Lourdes da Silva

Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Itapuranga.
E-mail: smariadelourdes49@gmail.com

Esta pesquisa tem como objetivo principal, analisar os fatos históricos da cartografia usando um recorte temporal para compreender melhor como se deu o seu processo de desenvolvimento no período do governo de Getúlio Vargas. A política varguista estava voltada para um programa nacionalista de obtenção de reconhecimento territorial do país para maior potencializar a produção agrícola e industrial para fortalecer o mercado interno. A cartografia se transformou num instrumento fundamental de apoio ao projeto de Estado proposto e colocado em prática por Vargas. A pesquisa está dividida nas seguintes etapas: o levantamento bibliográfico para permitir trabalhar melhor os conceitos a serem utilizados sobre o papel da cartografia no Brasil no período que vai de 1930 à 1945, sendo necessário, visitas ao Instituto Histórico Geográfico de Goiás (IHGG) que se encontra localizado na cidade de Goiânia-Go contendo a maior parte da produção bibliográfica do mesmo, e examinar os arquivos e documentos do IHGG. Mediante os resultados parciais possibilitados através da leitura prévia da pesquisa, pode se afirmar que a cartografia teve uma função geoestratégica para a composição material do território brasileiro levando em consideração as formas estabelecidas de seus usos pelo Estado Novo tal como o processo de integração econômica do espaço nacional estimulado mais intensamente a partir daquele período. No início de seu governo, notou um interesse militar no reconhecimento do território brasileiro com a criação da escola de engenheiros geógrafos militares, em 1930. Um grande marco da era Vargas foi a criação da Instituto Nacional de Estatísticas em 1934, contribuindo muito para as particularidades físicas e culturais do território brasileiro, dando início as combinações das atividades estatísticas e cartográficas. Com a apresentação do plano cartográfico náutico em 1935, passou a se utilizar longitudes a partir do meridiano de Greenwich estabelecendo maior utilização do território brasileiro além do litoral, adentrando o mar. Portanto, repensar o processo de avanço cartográfico dentro do período Vargas, contribuiu efetivamente para o conhecimento nos dias de hoje tratando da reafirmação da ciência geográfica como promotora do conhecimento cartográfico.

Palavras-chave: cartografia; processo; governo Vargas; Brasil.

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

A CARTOGRAFIA MILITAR NO PERÍODO IMPERIAL: OS PRIMÓDIOS DO PROJETO TERRITORIAL BRASILEIRO

Brena Loraine Alves de Sousa
brenaloraine18@outlook.com
Graduanda em geografia pela Universidade Estadual de Goiás

Andreza Araújo Silva
andrezaaraujo_silva@hotmail.com
Graduanda em geografia pela Universidade Estadual de Goiás

Este trabalho tem como objetivo a compreensão da Cartografia Militar no período imperial. A principal metodologia empregada para compor este trabalho foi à pesquisa bibliográfica em que analisamos o papel da Real Academia Militar e sua função no projeto territorial do Brasil em relação à cartografia. A Real Academia Militar era uma instituição militar de ensino superior português. Ela foi fundada em quatro de dezembro de 1810 por D. João por uma Carta de Lei (Regia). Mas ela foi implementada por Conde Linhares e no dia 23 de Abril de 1811 ela foi instalada na Casa do Trem de Artilharia, por ter uma estrutura real, mas naquele local havia sido a antiga real Academia Artilharia de Fortificação e Desenho. A nova academia funcionou cerca de 19 anos neste local de 1792 a 1811, depois ela foi para o Largo São Francisco onde ela funcionou como academia militar da corte. A Real Academia Militar funcionou de 1812 a 1858 no largo de São Francisco que hoje é considerado o santuário da engenharia civil e militar no Brasil. A Real Academia Militar teve com sua primeira equipe de professores varias dificuldades com a pobreza intelectual por causa da ausência de um conhecimento de nível superior. Mas ela era destinada para formação de oficiais do exercito de Portugal para todo o reino. Ela formava as colônias oficiais de infantaria, cavalaria e engenheiros militares civis, consagrando se historicamente como berço de um ensino militar acadêmico. E estes oficiais que estudaram participaram nas Guerras da Independência (1822 a 1824), na Guerra da Cisplatina (1825 a 1827), nas Guerras contra Oribe e Rosas (1851 a 1852), Guerra contra Aguirre (1864), e Guerra do Paraguai (1865 a 1870). Nela se formava a oficialidade das diversas armas, além de serem engenheiros, geógrafos e topógrafos. Mas durante o período imperial notou-se a preocupação com a formação de cartografia nos profissionais do Brasil. Assim criando na real academia militar uma escola de formação para os engenheiros geógrafos militares, na qual durava 8 anos. Mas desenvolveram técnicas de reprodução de mapa, para se mapear o território brasileiro.

Palavras-Chave: Cartografia Histórica; Território; Formação Territorial

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

O DESENVOLVIMENTO CARTOGRÁFICO NO PERÍODO VARGAS (1930-1945): O PAPEL DA ESCOLA DE ENGENHEIROS GEÓGRAFOS MILITARES

Rodrigo Guimarães
Graduando em Geografia da Universidade Estadual de Goiás
rodrigoguimaraesgeografia@gmail.com

Lucas Lima Rosa
limalucas11@outlook.com
Graduando em Geografia da Universidade Estadual de Goiás

Este trabalho procura dar ênfase à história do desenvolvimento cartográfico e geográfico militar no período Vargas (1930 a 1945), no qual aponta a necessidade de induzir a formação de profissionais em cartografia para desenvolver estudos sobre o território brasileiro. O Instituto de Geografia Militar passou a se chamar Escola de Geógrafos naquele momento devido a um processo de reestruturação institucional pelo qual passavam as instituições civis e militares: o IBGE e o Ministério da Guerra por exemplo. Os primeiros cursos criados dentro da Escola de Geógrafos foram a geodésia e a topografia que possibilitaram os militares junto ao Estado brasileiro mapear áreas desconhecidas do território. Em 1938 surgiu a primeira companhia no mercado brasileiro para a execução de levantamentos aerofotogramétricos. O primeiro mapa com aerofotogramétrico feita no Brasil foi confeccionada com a força aérea dos Estados Unidos com a escala de 1:1000000. O objetivo deste trabalho é mostrar a eficiência da cartografia para o país e as melhorias que ela iria promover neste período, nas guerras com o conhecimento e mapeamentos de territórios, criando o decreto de abertura da Escola de engenheiros geográficos militares em 1930 como diz ARCHELA (2008 p. 97). Utilizando os métodos de pesquisas bibliográficas com análise de história do pensamento geográfico da cartografia mostra que a existência da cartografia é essencial para a história do Brasil pois teve o estudo dos métodos e instrumentos ligados ao mapeamento e de levantamentos de documentos cartográficos tecnicamente comprovados onde Getúlio Vargas queria reestruturar o Estado, para ter um maior conhecimento de todo o Estado o IBGE fez um levantamento na sua área física e cultural, e fixando todos os povoados e cidades que ainda não eram localizadas no mapa com precisão e área correta, dividindo perfeitamente os municípios e delimitando sua área. Com esta análise temos um resultado parcial com a ideologia do início da escola de cartografia no período Vargas. Assim pode se dizer que a conclusão deste período foi um marco na história do Brasil por um mapeamento absoluto.

Palavras chave: cartografia, território, escola geográfica militar,

XVII Semana do Curso de Geografia
“Riscos e Vulnerabilidades Ambientais: sociedade e natureza em movimento”
01 a 04 de junho de 2016

OBSERVAÇÃO: Os textos elaborados para a XVII Semana do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Itapuranga são de inteira responsabilidade dos autores.